

## ESTRUTURAS E TENDÊNCIAS ACTUAIS DO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO ALEMÃO (A PROPRÓSITO DAS NOVAS ESTATÍSTICAS DO BUNDESBANK)

JOCHEN OPPENHEIMER (\*)

### Introdução

Em 1976, os autores de «La Division Internationale du Travail»<sup>(1)</sup> avançaram a seguinte previsão da balança de pagamentos alemã:

«A balança alemã... terá as características gerais da balança americana 'jovem', isto é, as dos anos 1950-1955: um forte excedente comercial, com tendência a diminuir, um desenvolvimento progressivo dos rendimentos dos investimentos no estrangeiro, nomeadamente na zona Europa, exportações cada vez mais massivas de capitais para os países sob o seu controle e nas zonas abertas, ou seja, nos países do Terceiro Mundo e do Quarto Mundo».

A previsão revelou-se ajustada. De facto, em 1979 a *Balança de Transacções Correntes* da RFA apresentava, pela primeira vez desde meados dos anos sessenta, um défice de 9,6 biliões de DM que, em 1980, subiu ainda para 29,1 biliões de DM<sup>(2)</sup>, apesar da Balança Comercial continuar a apresentar, em 1979, um excedente de 32,0 biliões de DM (valor mais baixo desde 1972) e, em 1980, um excedente da ordem dos 18,9 biliões de DM.<sup>(3)</sup>

Tanto em 1979, como em 1980, a Balança de Pagamentos foi globalmente deficitária de, respectivamente, 5,0 e 27,9 biliões de DM.

No que se refere aos investimentos alemães de capital no estrangeiro e aos rendimentos de capital, dispusémos até agora, das estatísticas elaboradas, com base na Balança de Pagamentos, pelo Bundesbank e pelo Ministério Federal de Economia.<sup>(4)</sup> A publicação de *estatísticas de stock de investimento* da RFA (directo privado, no estrangeiro) e do investimento estrangeiro e directo na RFA, efectuados pelo Bundesbank desde 1976, com base na obrigatoriedade da declaração, prevista na Lei das Relações Econó-

\* Professor convidado do Instituto Superior de Economia

Este trabalho surgiu a partir do ensino na cadeira de Dependência e Subdesenvolvimento no ano escolar de 1980/81.

<sup>(1)</sup> Documentation Française (1976), p. 82.

<sup>(2)</sup> Prognose para 1981: 24-25 biliões de DM, Deutsche Bundesbank, (1981), p. 8.

<sup>(3)</sup> Geschäftsbericht der Deutschen Bundesbank, (1981), p. 25.

<sup>(4)</sup> Publicação semestral no 'Bundesanzeiger' (Diário da República).

Ver ponto 3 deste artigo que demonstra que a Balança de Investimentos (líquidos) da RFA com o estrangeiro, se torna positiva para a RFA a partir de 1974/75. O mesmo não acontece com a Balança dos Rendimentos dos Investimentos.

micas com o Exterior (Aussenwirtschaftsgezetzt § 26, Art. 3)<sup>(5)</sup> possibilitam-nos, actualmente, —tal como sucede em Inglaterra (Bank of England, Quarterly Bulletin—de três em três anos), nos Estados Unidos (U. S.—Department of Commerce, Survey of Current Business), e no Japão há muito tempo, (mas ainda não é o caso em França)<sup>(6)</sup>—a passagem duma análise de «transacções, ou seja, de procedimentos de pagamento,..., que, todavia, só traduzem parcialmente, o montante global e a estrutura dos investimentos directos»<sup>(7)</sup> para uma análise detalhada, tanto do desenvolvimento dos stocks de investimento, como da sua estrutura regional e sectorial.

Tal análise permite-nos extrapolar algumas tendências da internacionalização do capital alemão e do desenvolvimento com ela relacionado ao nível da Divisão Internacional do Trabalho, que se reflectem, entre outras, nas tendências acima apresentadas da Balança de Pagamentos. Para além disso, as novas estatísticas do Bundesbank fornecem-nos informações preciosas sobre o financiamento dos investimentos estrangeiros, que ultrapassam as contidas na Balança de Pagamentos.

Baseando-se nas estatísticas de stock de investimento do Bundesbank, temos, todavia, que levar em conta os atrasos provenientes da elaboração estatística morosa das declarações sobre o stock de investimento directo. No entanto, o Bundesbank tem avançado ultimamente, neste domínio. A primeira estatística de stocks do investimento alemão no estrangeiro e do investimento estrangeiro na RFA referente a valores do final de 1976 só foi publicada em Abril de 1979<sup>(8)</sup>, enquanto que a publicação referente aos valores finais de 1977, só vem a lume em Abril de 1980<sup>(9)</sup>. Contudo já foi possível ter disponíveis os valores respectivos de 1978, em Janeiro de 1981<sup>(10)</sup>.

Estas estatísticas evitam portanto os levantamentos morosos dos stocks de investimento que, além disso, se baseiam em «amostras» necessariamente limitadas, o que para Frobelt/Heinrichs/Kreye, ainda foi necessário<sup>(11)</sup>.

A exposição que se segue não tem a pretensão de fornecer uma apreciação definitiva das novas estatísticas de stock do Bundesbank, sobre os investimentos directos privados da RFA no estrangeiro, e dos deste na RFA.

Tal pretensão é impossível: por um lado, pelas limitações que um artigo contém e, por outro, porque depende da óptica específica com que se aborda o material estatístico.

---

<sup>(5)</sup> Os investimentos directos privados, englobam participações, créditos e empréstimos no/do estrangeiro. Como limite mínimo da declaração obrigatória de um investimento directo, é considerada uma participação de 25% no capital nominal, com direito a voto na Assembleia dos Accionistas. O cálculo é efetuado com base no saldo de valores que consta do balanço, em DM ao câmbio actual. A soma de 500.000 DM, constitui o limite mínimo absoluto, para a obrigatoriedade de declaração de investimentos directos alemães no estrangeiro.

<sup>(6)</sup> Le Monde (1981)

<sup>(7)</sup> Monatsberichte (1979), p. 26.

<sup>(8)</sup> Monatsberichte (1979), p. 26-40.

<sup>(9)</sup> Monatsberichte (1980), p. 22-35.

<sup>(10)</sup> Monatsberichte (1981), p. 28-45.

<sup>(11)</sup> Frobelt, Heinrichs, J., Kreye, O., (1977) e (1978).

O propósito deste trabalho é, com base nas estatísticas para os anos de 1976/77/78, sublinhar as tendências globais actuais do investimento no estrangeiro de capital alemão privado, e de esboçar as linhas gerais de interpretação.

### 1 — Investimentos directos do estrangeiro na RFA e investimentos directos da RFA no estrangeiro

O stock dos investimentos directos estrangeiros na RFA era no final de 1978, muito superior aos investimentos da RFA no estrangeiro.

Stock de Investimentos no final de cada ano  
(em biliões de DM)

	1976	1977	1978
Investimentos directos da RFA no estrangeiro	43,1	46,5	52,1
Investimentos directos do estrangeiro na RFA	63,5	62,3*	66,8

\* Diminuição do valor devido à revalorização do DM

Fonte: Monatsberichte (1981) p. 33 e p. 36.

As razões, são essencialmente as seguintes: Os bens alemães no estrangeiro perderam-se, em grande parte, na II Guerra Mundial, enquanto que as participações estrangeiras no capital de empresas alemãs se revitalizaram depois da guerra. Além disso, a RFA foi, a partir dos anos 60, ou da fase ascensional, principalmente do investimento US na Europa<sup>(12)</sup>, domínio privilegiado de investimentos estrangeiros (salários baixos, produtividade relativamente elevada, paz social, forte expansão económica, moeda desvalorizada, etc.) Ainda no final de 1977, os bens US na RFA atingiam 27,5 biliões de DM (cerca de 40% da totalidade dos bens estrangeiros na RFA), sendo os da GB 5,5 biliões de DM e os da França 4,5 biliões de DM.

Por outro lado, os investimentos de capital da RFA no estrangeiro, depois de um arranque hesitante, só se fortaleceram consideravelmente a partir do início dos anos 70.

Motivos para esta tendência são, entre outros: o fim do período de reconstrução, a valorização crescente do DM (fim de Bretton Woods), salários em rápido aumento<sup>(13)</sup> e a fundação da CEE. O motivo essencial, resi-

<sup>(12)</sup> Entre 1950 e 1970 a participação dos investimentos directos dos EU na Europa aumentou de 14,4% para 31,4%, relativamente aos investimentos globais dos EU no estrangeiro, Survey of Current Business, Outubro 1970 e 1971.

<sup>(13)</sup> Pelas mesmas razões, desacelera-se o crescimento dos novos investimentos estrangeiros na RFA.

dirá provavelmente, no facto de o capital da RFA ter reencontrado o estágio de «maturidade» descrito por Lenine. A título comparativo: no final de 1977 o stock de investimentos directos alemães nos EUA, apresentava um valor de 6,3 biliões de DM, na Inglaterra de 1,4 biliões e, em França, de 4,5 biliões de DM.

## 2 — Os investimentos alemães no estrangeiro comparados internacionalmente e em termos de índices nacionais

Numa comparação internacional o desenvolvimento dos valores contabilizados dos investimentos alemães directos no estrangeiro apresenta-se da seguinte forma:

O Investimento estrangeiro da RFA, da G. B. e dos EUA (em biliões de \$US)

ANO	RFA	GB	EUA
1961	1,0	12,9	34,7
1966	2,5	17,5	54,8
1971	7,3	24,0	86,2
1976	18,4	31,9	136,0

Fontes: 1961-1971: Palloix, (1975), p. 69  
1976: Monatsberichte (1979), p. 31

A taxa de crescimento anual médio dos investimentos alemães no estrangeiro, entre 1960 e 1971, situa-se acima da média, comparando-a internacionalmente.

As taxas de crescimento anuais, segundo Palloix<sup>(14)</sup>, apresentaram valores de 28,3% para o Japão, 22,8% para a RFA, 9,2% para os EUA e 6,5% para a GB. A dinâmica relativa do investimento estrangeiro alemão é particularmente evidente na comparação internacional do crescimento dos valores de stock entre 1971 e 1976.

Para este período, temos os seguintes valores:

RFA: 152%; EUA: 57,8%; GB: 32,9%.

A consequência da diversidade destas taxas de crescimento, é um aumento considável da participação dos investimentos directos alemães no estrangeiro, em relação ao total dos investimentos estrangeiros dos países capitalistas.

Segundo uma estimativa das NU<sup>(15)</sup> (Nações Unidas), relativa ao stock mundial de investimentos directos estrangeiros, a participação dos investi-

<sup>(14)</sup> Palloix (1975), p. 69.

<sup>(15)</sup> Citado por Franko (1979), p. 24.

mentos directos da RFA no estrangeiro, aumentou entre 1967 e 1976 de 2,8% para 6,6% (Japão: de 1,4% para 6,7%), enquanto que as participações dos EUA, da GB e da França diminuíram, respectivamente de 59,1% para 45,9%, de 16,2% para 10, 7% e de 5,6% para 3,8%. (Porém, esta estatística admite a possibilidade de uma sub-avaliação dos investimentos directos da RFA no estrangeiro, sub-avaliação que pode ir até aos 50%).

A comparação internacional da relação entre os investimentos directos no estrangeiro e o PNB mostra, por um lado, que a relação não tem o seu maior valor nos EU mas na GB e que, a discrepância a este nível é muito menor para a RFA do que ao nível da comparação de valores absolutos de stock de investimento de capital no estrangeiro, pelo menos no que se refere aos EUA.

No final de 1976, o stock do investimento directo dos EU no estrangeiro representou 8% do PNB nominal. As percentagens correspondentes para a GB e a RFA são, respectivamente, de 15% e 4%<sup>(16)</sup>.

Relativamente ao PIB, temos para 1979, as seguintes taxas<sup>(17)</sup>:  
GB: 1,5%; EUA: 0,7%; RFA: 0,5%; Japão: 0,4%; Italia: 0,2%.

Na lista das 300 maiores empresas multinacionais do sector de transformação, encontramos em 1979 a seguinte «hierarquia»:

	Participação nas vendas totais em %	Participação no número total de empresas em %
EUA	48	42
Japão	11	15
GB	11	10
RFA	9	7
França	6	4,5
Peso das empresas destes países no total	85	78,5

Fonte: Le Monde (1981)

No entanto, os investimentos directos da RFA no estrangeiro, não só apresentam uma dinâmica considerável numa comparação internacional, como também relativamente a índices nacionais da RFA, onde se verificam importantes tendências de crescimento.

<sup>(16)</sup> Monatsberichte (1979) p. 31.

<sup>(17)</sup> Le Monde (1981).

Na média anual para 1966/1968, o investimento directo alemão no estrangeiro representou 2,5% do investimento bruto de capital fixo interno (sem investimento do Estado nem construção civil). Esta relação evoluiu da seguinte forma:

1969/1971: 3,4%; 1972/1974: 4,2%; 1975/1977: 4,6%<sup>(18)</sup>.

Em 1976, o activo das filiais das empresas alemãs no estrangeiro representava 10% do activo das empresas da indústria transformadora e do comércio na RFA<sup>(18)</sup>.

Não contando com as vendas das filiais estrangeiras no sector comercial — filiais «relais» (Michalet — 1976) para a comercialização de produtos anteriormente exportados a partir da RFA, a relação entre as vendas das filiais estrangeiras nos sectores extractivo e de transformação (correspondendo a 'produção internacional' no sentido estrito) e as exportações (FOB) da RFA, em 1976, foi de 0,37. Esta relação, em 1977, foi de 0,36 e em 1978 de 0,42.

Obtemos um outro indício da dinâmica do investimento directo alemão no estrangeiro, observando a evolução da divisão internacional do trabalho:

«...a cada 100 pessoas empregadas na RFA nas empresas alemãs ocidentais de transformação correspondiam 4 a 5 pessoas empregadas no estrangeiro pelas mesmas empresas no princípio dos anos 60, e cerca de 20 em 1975. Assim, a produção estrangeira das empresas alemãs ocidentais da indústria de transformação adquiriu, nesse período, um peso relativo comparável ao peso que a mesma ocupa nos Estados-Unidos.»<sup>(19)</sup>.

### 3 — Financiamento dos investimentos da RFA no estrangeiro

#### 3.1 Fluxos financeiros, segundo a Balança de Pagamentos

Entre 1972 e 1974, os investimentos directos efectuados pela RFA no estrangeiro (incluindo os lucros reinvestidos), segundo a Balança de Pagamentos, atingiram 14,25 biliões de DM. Nos anos de 1975 a 1977, este montante subiu para 17,5 biliões de DM<sup>(20)</sup>.

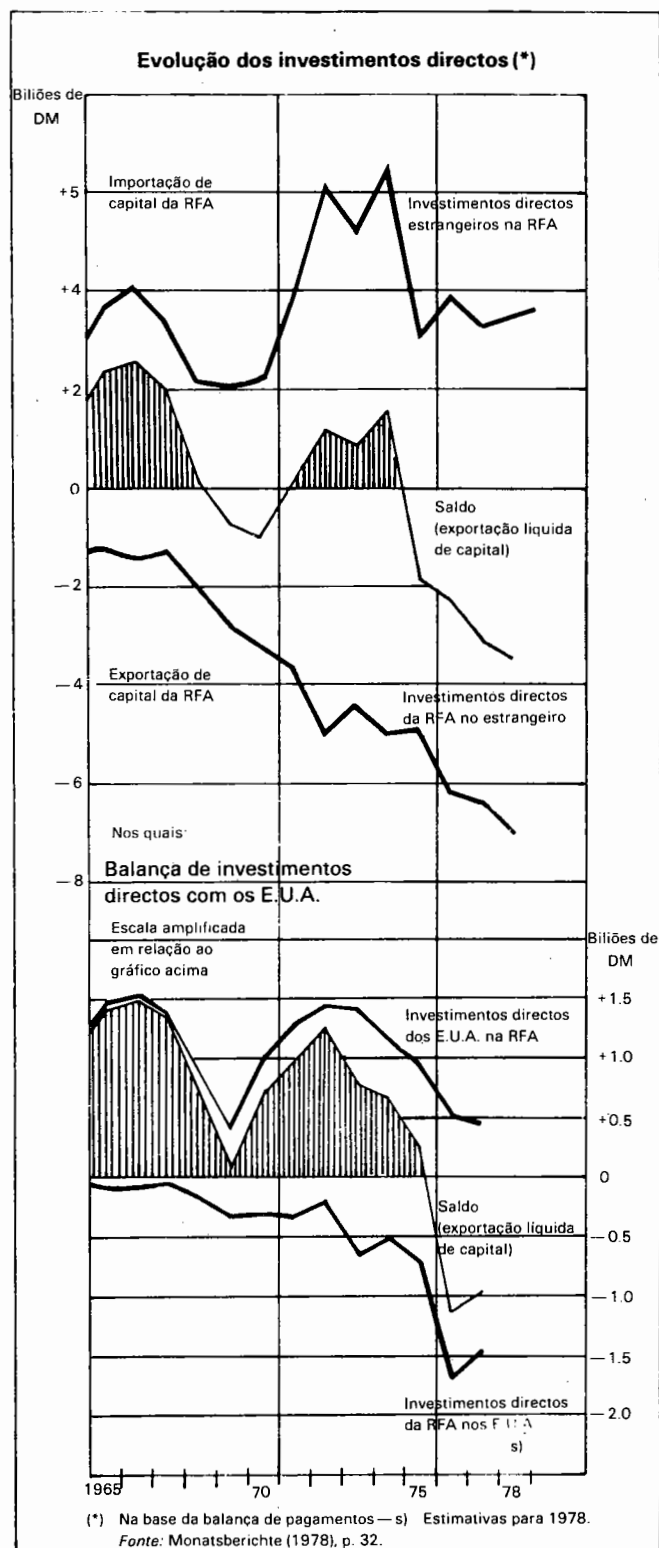
Assim, a partir de 1974/75 a Balança de Investimentos (liquidos) da RFA com o estrangeiro tornou-se positiva, tanto ao nível global, como relativamente aos EU.

---

<sup>(18)</sup> Monatsberichte (1978) p. 34.

<sup>(19)</sup> Frobel/Heinrichs/Kreye (1978), p. 22, itálico nosso.

<sup>(20)</sup> Monatsberichte (1978), p. 32.



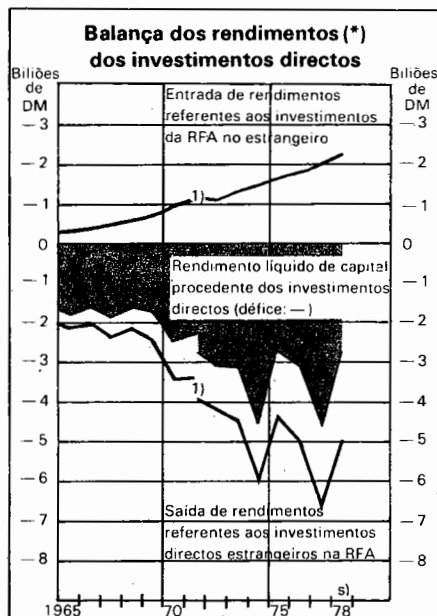
Em consequência, diminuiu desde 1975 o desequilíbrio entre os stocks de investimentos directos da RFA no estrangeiro e do estrangeiro na RFA. Nomeadamente de 20,4 biliões de DM no final de 1976, para 15,8 biliões de DM no final de 1977 e para 14,7 biliões de DM no final de 1978.

Deste modo, a Balança de Rendimentos dos investimentos directos da RFA, continuou deficitária:

«Assim, a 2 biliões de DM, média anual de 1975 a 1977, de rendimentos alemães provenientes de investimentos directos (incluindo lucros reinvestidos), corresponderem 5<sup>1</sup>/<sub>4</sub> de biliões de DM de rendimentos do estrangeiro»<sup>(21)</sup>.

«No período entre 1967 e 1976, ou seja em dez anos, os detentores de capital estrangeiros receberam de rendimentos de investimentos directos na RFA (dividendos e outros lucros), a soma global de 26,7 biliões de DM, enquanto que os detentores alemães de investimentos, receberam no mesmo período de tempo apenas 2,9 biliões de DM, dos respectivos rendimentos»<sup>(22)</sup>.

Se a primeira citação nos elucida sobre os respectivos *montantes de rendimento dos investimentos* (que, devido ao menor stock e «grau de maturidade» dos investimentos alemães no estrangeiro, são, para estes, necessariamente inferiores aos do estrangeiro na Alemanha), a segunda citação que se baseia em *lucros desembolsados*, mostra-nos a dimensão relativamente elevada da retenção de lucros praticadas pelos capitais alemães investidos no estrangeiro.



(\*) Inclui os lucros reinvestidos (estimativa) — 1) A partir de 1971 incluem-se os juros derivados de investimentos directos na medida em que foi possível comprová-los.

s) Para 78, estimativas.

Fonte: Monatsberichte (1978) p. 36.

<sup>(21)</sup> Monatsberichte (1978), p. 36.

<sup>(22)</sup> Monatsberichte (1979), p. 30.



### 3.2 Valores de stock

A observação da alteração dos valores de stock dos investimentos directos alemães no estrangeiro em 1978 dá-nos uma informação mais detalhada sobre o seu financiamento.

Em 1978 as participações alemãs no capital nominal de filiais no estrangeiro aumentaram de 2,8 biliões de DM, passando de 21,1 biliões de DM para 23,9 biliões de DM.

As reservas e antecipações de lucro e prejuízo aumentaram de 2 biliões de DM, passando para 11,8 biliões de DM<sup>(23)</sup>.

Tal volume de reservas, é um indicador do elevado volume de lucros não desembolsados.

«No caso da participação do capital alemão no estrangeiro, as reservas formadas, além do capital nominal, atingem quase 75% do capital nominal; no que se refere às participações do capital estrangeiro na RFA, pelo contrário, ronda apenas os 40%». <sup>(24)</sup>

Assim, em 1978 a participação alemã em capitais no estrangeiro aumentou de 4,8 biliões, passando para 35,7 biliões DM. A isto há que juntar ainda os créditos e empréstimos dos detentores alemães de capital às suas filiais no estrangeiro, que aumentaram de 0,8 biliões de DM, passando para 16,4 biliões de DM, dos quais 0,4 biliões devem ser atribuídos ao pagamento (liquido) de créditos por parte dos detentores alemães de capital e 0,4 biliões representam lucros a pagar que, até ao seu pagamento, são contabilizados nas filiais como créditos dos participantes no capital.

Como são então financiados estes 5,6 biliões de DM?

Novos investimentos em participações (segundo a Balança de Pagamentos)	+ 6,6	bil.	DM
Liquidação de participações	— 0,9	»	»
Alteração de valor devido à evolução do câmbio	— 1,5	»	»
Aumento de lucro em empresas de investimento alemão	+ 1,8	»	»
Diversos	— 0,8	»	»
Pagamento de créditos (liquido)	+ 0,4	»	»
	+ 5,6	»	»

Fonte: Monatsberichte (1981), p. 29.

No entanto, o lucro acima referido de 1,8 biliões DM (pagamento aos detentores de capital: 0,4 bil. DM) não esgota, de forma alguma, os rendimentos que o capital investido origina.

<sup>(23)</sup> Monatsberichte (1981), p. 29.

<sup>(24)</sup> Monatsberichte (1979), p. 30.

Ainda antes de se manifestar este lucro residual, foram transferidos para o estrangeiro elementos de lucro sob a forma, entre outras, de sub e sobre-facturação (preços de transferência), os juros de investimentos directos que funcionam como capital externo (créditos e empréstimos), «custos» de patentes, licenças, etc.

Nos «... países industrializados, vê-se claramente que são os países que detêm investimentos liquidados no estrangeiro, sob a forma de investimentos directos, que apresentam excedentes na Balança de Patentes/Licenças, nomeadamente os Estados Unidos da América, a Suíça e a Grã-Bretanha.»<sup>(25)</sup>

Assim, em média anual, entre 1975 e 1978, a Balança de Patentes/Licenças dos Estados Unidos apresentou um excedente de quase 3,5 biliões de DM e a Grã-Bretanha um de 0,2 biliões de DM.

As Balanças de Patentes/Licenças de RFA, França, Itália, Países Baixos, Áustria, Suécia, Japão, etc. são todas deficitárias, sem falar das dos países «países em desenvolvimento»<sup>(26)</sup>

### 3.3. Os 'Holdings'

Nos valores até agora apresentados dos stocks dos investimentos directos no estrangeiro trata-se de uma compilação dos investimentos directos internacionais *imediatos* que representam em média 80%—90% da totalidade dos investimentos directos internacionais. Os investimentos directos *mediatos* têm menos peso numa comparação internacional de dimensões globais e isto, tanto mais, quanto se trata de estimativas (como por exemplo no caso dos valores das NU para 1976) que, além disso, se baseiam em métodos de obtenção diversos.

As novas estatísticas de stock do Bundesbank vão mais longe, pois distinguem entre investimentos directos *mediatos* e *imediatos*, tanto para os investimentos directos do estrangeiro na RFA, como para o investimento directo alemão no estrangeiro.

Os investimentos directos *mediatos* referem-se, principalmente, aos investimentos directos dos detentores de capital por intermédio de holdings, onde são maioritários, com sede em paraísos fiscais (Suíça, Antilhas holandesas/Curaçao, Panamá, etc.) e que, por sua vez, investem em países terceiros.

Considerando também os investimentos realizados pelo estrangeiro na RFA através dos holdings, isto é, os investimentos directos *mediatos* na RFA, obtém-se o seguinte quadro dos stocks de investimento:

---

<sup>(25)</sup> Monatsberichte (1980-a), p. 21.

<sup>(26)</sup> Monatsberichte (1980-a), p. 21.

Investimentos directos estrangeiros mediatos e imediatos na RFA  
(stocks no final do ano em biliões de DM)

	Investimento directo imediato	Investimento directo mediato (holdings)	Total
1976	63,5	15,4	78,9
1977	62,3	16,9	79,2
1978	66,8	18,8	85,6

Fontes: 1976: Monatsberichte (1980), p. 34.  
1977, 1978: Monatsberichte (1981), p. 44/45.

Tal como o capital estrangeiro na RFA, também o capital alemão no estrangeiro, reforça, cada vez mais, os seus investimentos directos imediatos com investimentos directos mediatos.

Investimentos directos alemães imediatos e mediatos no estrangeiro  
(stocks no final do ano em biliões de DM)

	1976	1977	1978
Investimento directo alemão imediato no estrangeiro	43,1	46,5	52,1
<i>Deduzindo:</i> investimentos directos em holdings dependentes no estrangeiro	5,0	5,0	6,2
<i>Acrescentando:</i> investimentos dos holdings =investimentos directos alemães mediatos no estrangeiro	10,3	10,6	14,0
Soma total dos investimentos directos alemães imediatos e mediatos no estrangeiro	48,4	52,1	59,9

Fontes: 1976-Monatsberichte (1980), p. 24/29.  
1977, 1978-Monatsberichte (1981), p. 38/39.

Os 5 biliões de DM, investidos de forma imediata nos holdings, no final de 1976, servem de base financeira para os 10,3 biliões de DM investidos de forma mediata em empresas 'netas' (Enkelgesellschaften), como se depreende do seguinte:

«...as sociedades holding... recorrem, na maioria dos casos sob forma de créditos, a meios financeiros estrangeiros, dispondo assim de meios suplementares para o financiamento dos objectos de participação que controlam.»<sup>(27)</sup>

<sup>(27)</sup> Monatsberichte (1981), p. 31.

Assim, o quadro acima exposto mostra, por exemplo, que, a um aumento de 1,2 bilhões de DM do stock de investimento directo imediato nas sociedades holding dependentes correspondem, durante o ano de 1978, um aumento do 'stock' dos investimentos directos mediatos de 3,4 bilhões de DM.

Em 1977, por exemplo, mais de metade do aumento do 'stock' do investimento alemão nos EUA decorre de investimentos mediatos.<sup>(28)</sup>

Jean Roussel dá-nos uma impressão da função e dinâmica dos holdings através do exemplo do financiamento dos investimentos da Bayer AG nos EUA.

«Nos investimentos totais da Bayer AG nos Estados-Unidos (ou seja, actualmente 1,6 bilhões de dólares) a parte de 'dinheiro fresco' não ultrapassou 180 milhões, o que corresponde ao capital social dos dois 'holdings' fundados pela Bayer AG do outro lado do Atlântico;...»<sup>(29)</sup>

Estes dois holdings, um em Curaçao, e o outro em Nova-Iorque, obtiveram o resto dos meios financeiros para o programa de investimento da Bayer AG nos EUA, através de empréstimos contraídos, principalmente, no mercado dos eurodollars.

Em 1978, as vendas da Bayer AG nos EUA comportaram, segundo Roussel, 2,1 bilhões de DM, isto é, cerca de 17,5% das vendas globais do grupo Bayer e cerca de 15% das vendas totais de todas as empresas, nos EUA com participação alemã (mediata e imediata) no capital.

A exposição que se segue, parte da soma total dos investimentos directos alemães no estrangeiro, isto é, dos investimentos imediatos e mediatos.

#### 4 - Estrutura regional do investimento estrangeiro alemão

Cerca de 70% do investimento estrangeiro alemão é realizado nos *Países Industrializados* (P.I.)<sup>(30)</sup>, recaindo somente 34 — 35% (tendência estagnativa) na Comunidade Económica Europeia (CEE) e 18% nos EUA (tendência fortemente ascendente). O resto recai em outros P.I.

20% dos investimentos recaem nos *Países em Desenvolvimento* (P.D.), excluindo a OPEP, (tendência ligeiramente descendente), sendo quase metade destes investimentos realizados no Brasil, e 55% na globalidade da América Latina.

«Além disso, quando se isolam as somas investidas nos países em desenvolvimento mais avançados da Europa, assim como as investidas nos centros financeiros de Hong-Kong e Singapura, resta uma soma bastante diminuta de cerca de 2 bilhões de DM (final de 1978), para o numeroso grupo dos restantes países em desenvolvimento».<sup>(31)</sup>

<sup>(28)</sup> Monatsberichte (1980), p. 26.

<sup>(29)</sup> Monde Diplomatique (1979), p. 5

<sup>(30)</sup> Apesar das nossas sérias reservas quanto às noções «Países Industrializados» e «Países em Desenvolvimento», devido ao seu carácter ahistórico e limitado (sem falar das suas potencialidades ideológicas), conservámos aqui, a terminologia do Bundesbank, visto que ela satisfaz as necessidades *classificatórias* da estatística.

<sup>(31)</sup> Monatsberichte (1981), p. 32.

«Por outras palavras: em 1977, recaíram, em média, quase 40 DM de investimentos directos alemães sobre cada habitante dos países em desenvolvimento da Europa do Sul, 23 DM sobre cada habitante dos 'países limiares', mas somente 1,30 DM nos países intermédios e mais pobres do Terceiro Mundo...»<sup>(32)</sup>

**Estrutura regional dos investimentos directos imediatos e mediatos da RFA no estrangeiro  
(stocks no final de cada ano em biliões de DM e % do total)**

	1976		1977		1978	
Todos os países	48,4	100%	52,1	100%	59,9	100%
Países Industrializados	33,2	68,0%	36,9	70,8%	41,9	69,9%
Destes:						
CEE	16,8	34,6%	18,2	34,9%	20,5	34,2%
EUA	6,6	13,6%	8,1	15,5%	10,6	17,7%
Países em Desenvolvimento	10,6	21,0%	10,5	20,1%	12,0	20,0%
Destes:						
Brasil	4,6	9,5%	4,7	9,0%	5,4	9,0%

*Fontes:* 1976 — Monatsberichte (1980), p. 32.

1977, 1978 — Monatsberichte (1981), p. 38/39.

Para fazer frente a esta distribuição regional desequilibrada dos investimentos directos alemães no estrangeiro, foi promulgada uma «Lei sobre medidas fiscais para fomentar o investimento privado nos países em desenvolvimento» (Entwicklungslander-Steuer-gesetz, Entw. LSt.G.)<sup>(33)</sup>

Esta lei causou em 1979, por exemplo, perdas fiscais no volume de 327 milhões de DM.

«No entanto, inquéritos feitos junto dos investidores confirmaram que tais ajudas são 'aproveitadas', mas não influenciam substancialmente as decisões de investimento. Isto também seria explicado pelo facto de que a maior parte dos investimentos é realizada por grandes empresas, que teriam procedido, de qualquer maneira, a investimentos no respectivo país.»<sup>(34)</sup>

<sup>(32)</sup> Frankfurter Rundschau (1980) num comentário sobre um relatório do «Institut für Wirtschaftsforschung (DIW)», Berlin.

<sup>(33)</sup> Versão actualizada da Lei em vigor até 1973, publicada no «Bundesgesetzblatt», (1979).

<sup>(34)</sup> Frankfurter Rundschau (1980).

O número de trabalhadores das empresas com participação alemã no capital, no estrangeiro, aumentou de 1.197.000 em 1976, para 1.262.000 em 1977, e para 1.464.000 em 1978. Assim, o número de trabalhadores aumentou em três anos de 22,3%, enquanto o stock total de investimentos directos alemães no estrangeiro aumentou, no mesmo período, de 23,8%. O número total de trabalhadores aumentou, pois, mais ou menos ao mesmo ritmo que os investimentos directos. Mas são desiguais tanto a posição de partida, como a distribuição deste crescimento do emprego nos, e entre os diferentes grupos de países.

**Efectivo das empresas no estrangeiro com participação alemã no capital**  
(situação no final de cada ano em 1.000 e % do total)

	1976		1977		1978	
Todos os países	1.197	100%	1.262	100%	1.464	100%
Países Industrializados	661	55,2%	695	55,0%	839	57,3%
Destes:						
CEE	371	30,9%	375	29,7%	400	27,3%
EUA	77	6,4%	100	7,9%	214	14,6%
Países em Desenvolvimento	472	39,4%	500	39,6%	551	37,6%
Destes:						
Brasil	199	16,6%	217	17,2%	234	16,0%

Fontes: 1976 — Monatsberichte (1980), p. 28.  
1977, 1978 — Monatsberichte (1981), p. 38/39.

57,3% (tendência ascendente) de todos os trabalhadores encontram-se nas empresas com participação alemã no capital, situadas nos P.I., 27,3% descendente) nas empresas situadas na CEE, e 14,6% nas que se situam nos EUA (tendência fortemente ascendente). O resto recai nos outros P.I.

A parte dos trabalhadores das empresas situadas nos P.D. representa 37,6% (tendência descendente), correspondendo 16% só ao Brasil.

Quanto às *vendas anuais* dispomos das seguintes informações: as empresas nos P.I. com participação alemã no capital realizam quase 80% (tendência ascendente) das vendas de todas as empresas no estrangeiro com participação alemã no capital. Destas, as empresas situadas na CEE realizam quase 40% (tendência ascendente), e as situadas nos EUA mais do que 20% (tendência fortemente ascendente). As vendas nas empresas nas P.D. situam-se um pouco abaixo de 20% (tendência estagnante).

**Vendas anuais das empresas no estrangeiro com participação alemã no capital  
(em biliões de DM e % do total)**

	1976		1977		1978	
Todos os países	173,0	100%	191,7	100%	220,5	100%
Países Industrializados	133,0	76,9%	149,4	77,9%	173,3	78,6%
Destes:						
CEE	68,9	39,8%	76,2	39,7%	84,6	38,4%
EUA	27,6	16,0%	32,7	17,0%	46,5	21,0%
Países em Desenvolvimento	34,5	19,9%	37,2	19,4%	41,0	18,6%
Destes:						
Brasil	14,5	8,4%	15,2	7,9%	16,0	7,2%

*Fontes:* 1976 — Monatsberichte (1980), p. 28.

1977, 1978 — Monatsberichte (1981), p. 38/39.

Em relação à estrutura regional dos investimentos directos alemães no estrangeiro, podemos resumir:

1) 70% dos investimentos são efectuados nos P.I. onde se concentram quase 60% dos trabalhadores empregados nas filiais alemãs no estrangeiro, e onde se efectuam quase 80% das vendas. Nisto, a parte dos EUA aumenta em relação à CEE e aos P.D.

2) 20% dos investimentos no estrangeiro são realizados nos P.D., representando 40% dos trabalhadores das filiais alemãs no estrangeiro e quase 20% das vendas dessas filiais.

Só o Brasil, concentra em si, 9% do investimento no estrangeiro, 16-17% do emprego, e 7,2% das vendas anuais.

## **5 -Estrutura sectorial do investimento estrangeiro alemão**

Entre fins de 1976 e fins de 1978, a parte dos investimentos no *sector transformador*, aumentou de 40% para mais de 50% do investimento global, recaindo só na indústria química 20% (tendência globalmente estagnante). O resto recaiu na indústria automóvel<sup>(35)</sup>, na produção electrotécnica, metalo-mecânica, siderurgia, etc.

<sup>(35)</sup> Entre 1970 e 1979, a produção da indústria automóvel alemã, na RFA, aumentou de 3,53 milhões de unidades para 3,93 milhões de unidades. As exportações aumentaram de 1,97 milhões de unidades para 1,99 milhões. A produção no estrangeiro, no entanto, aumentou de 0,55 milhões de unidades, para 1,14 milhões. Assim, a relação exportações/produção no estrangeiro, aumentou de 28,2% para 57%. Linden (1980), p. 29.

Os investimentos no *sector do comércio* absorveram 20% (tendência descendente) dos capitais investidos no estrangeiro.

O *sector mineiro*, incluindo a extracção de petróleo é representado com 3,3% (tendência descendente).

Esta visão global da estrutura sectorial dos investimentos directos da RFA no estrangeiro, permite salientar uma certa especificidade, em relação aos outros grandes países imperialistas.

1) A grande participação nas indústrias química<sup>(36)</sup> e electrotécnica, está ligada às características históricas do aparelho produtivo do capitalismo alemão, cujo lugar nas primeiras fileiras do imperialismo tem a sua origem na «segunda revolução industrial».

2) Também a parte relativamente menor do sector mineiro (extracção petrolífera incluída) nos investimentos alemães, no estrangeiro, tem uma razão histórica. A ausência, ou mais precisamente, a perda prematura dum império colonial formal, contrariamente à França, Grã-Bretanha, Holanda, etc, assim como, em menor grau, de um império colonial informal, contrariamente aos EUA,<sup>(37)</sup> condenaram a Alemanha a uma certa «dependência» das outras metrópoles imperialistas, ao nível dos fornecimentos de matérias-primas.

O mercado do petróleo e seus derivados da RFA encontra-se, ainda hoje, quase inteiramente dominado pelo estrangeiro.

«Cerca de 90% da soma da balança, assim como 86% das vendas e do emprego deste ramo económico (refinagem, J.O) encontravam-se, em fins de 1976, concentrados em empresas controladas pelo estrangeiro, principalmente, por um pequeno número de grandes empresas multinacionais.»<sup>(38)</sup>

Retomemos, porém, a análise da estrutura actual do investimento directo alemão, no estrangeiro.

---

<sup>(36)</sup> A título de comparação: em meados dos anos 70, a parte dos investimentos globais britânicos no sector químico, no estrangeiro, não ultrapassou 15%. Ver: *Conseiller Commercial de la France à Londres* (1979), p. 27.

<sup>(37)</sup> Em 1970, 35% de todos os investimentos americanos no estrangeiro, concentravam-se no sector extractivo, incluindo o petróleo. Em 1976, o investimento neste sector era, ainda, de 27%. Delapierre (1979), p. 14.

<sup>(38)</sup> *Monatsberichte* (1979), p. 36.



**Estrutura sectorial do investimento estrangeiro alemão**  
(stocks no fim do ano em bilhões de DM e % do total)

	Todos os sectores		Minas		Transformação global		Transformação química		Comércio	
Todos os países 1976	48,4	100%	2,0	4,1%	19,5	40,3%	8,8	18,2%	8,8	18,2%
Todos os países 1977	52,1	100%	2,2	4,2%	24,7	47,4%	9,2	17,6%	10,5	20,2%
Países industri. 1976	33,2	100%	0,6	1,8%	12,1	36,4%	6,8	20,5%	7,9	23,8%
Países industri. 1977	36,9	100%	0,7	1,9%	16,3	44,2%	7,1	19,2%	8,9	24,1%
Países em desenv. 1976	10,6	100%	0,7	6,6%	6,9	65,0%	1,8	17,0%	0,7	6,6%
Países em desenv. 1977	10,5	100%	0,6	5,7%	7,8	74,3%	1,9	18,0%	0,8	7,6%

*Fontes:* Monatsberichte (1981), p. 36.

**Estrutura sectorial do investimento estrangeiro alemão**  
(stocks no fim de 1978 em bilhões de DM e % do total)

	Todos os sectores		Minas		Transformação global		Transformação química		Comércio	
Todos os países	59,9	100%	2,0	3,3%	30,4	50,7%	11,2	18,7%	10,3	17,2%
Países industrial.	41,9	100%	0,6	1,4%	20,6	49,2	8,8	21,0%	9,2	22,0%
Destes: CEE	20,5	100%	0,4	1,9%	7,9	38,5%	2,9	14,1%	5,2	25,4%
EUA	10,6	100%	—	—	8,2	77,3%	4,6	43,4%	1,2	11,3%
Países em desenv.	12,0	100%	0,6	5,0%	9,1	75,8%	2,3	19,2%	0,9	7,5%
Destes: Brasil	5,4	100%	—	—	5,1	94,4%	0,7	13,0%	0,1	1,8%

*Fontes:* Monatsberichte (1981), p. 36.

Em conclusão:

1) Enquanto 45 a 50% (tendência ascendente) dos investimentos realizados nos P.I. se encontram na *indústria transformadora*, sendo cerca de 20% para a indústria química, aquela área comporta nos P.D., entre 65 e 75% (tendência ascendente), com uma participação da química de quase 20%, igualmente.

2) A *Extracção mineira* é representada com 1,5 a 2% nos investimentos alemães nos P.I. (tendência descendente), mas com 5 a 7% nos P.D. (tendência igualmente descendente).

3) O *sector do comércio* é representado nos investimentos nos P.I. com 22 a 24%, nos P.D. com 6,5 a 8%.

4) Os investimentos no sector das *instituições de crédito* <sup>(39)</sup>, sociedades de participações e outras (não representadas no quadro) representam nos P.I., em finais de 1978, 6,5 biliões de DM, isto é, cerca de 15,5% do investimento global alemão em todos os sectores económicos nos P.I.

Em fins de 1978 os stocks de investimento nesta área, nos P.D., rondaram 1,1 biliões de DM, representando esta soma menos de 10% dos investimentos totais nos P.D.

## 6 — Relações de propriedade

Parte das participações no investimento directo alemão no estrangeiro  
(valores do fim de 1978 em biliões de DM e % do total)

	Investimentos directos imediatos e mediatos totais		Parte das participações	
Todos os países	59,9	100%	39,2	65,4%
Países industri.	41,9	100%	29,7	70,8%
Destes: CEE	20,5	100%	14,5	70,7%
EUA	10,6	100%	8,0	75,5%
Países em desenv.	12,0	100%	8,9	75,2%
Destes: Brasil	5,4	100%	4,7	87,0%

Fontes: Monatsberichte (1981), p. 39.

Do stock global do investimento directo alemão no estrangeiro, 59,9 biliões de DM em fins de 1978, 39,2 biliões de DM (65,4%) são realizados sob forma de *participações no capital* (=controle *directo* das empresas), sendo o resto realizado sob forma de créditos e empréstimos. A parte das participações no capital total investido é um pouco mais elevada nos P.D. (75%), do que nos P.I. (~70%).

<sup>(39)</sup> Entre 1971 e 1975, a parte dos bancos multinacionais alemães (Deutsche Bank, Dresdner Bank, Westdeutsche Landesbank Girozentrale, Commerzbank, Bayerische Vereinsbank, etc) nos activos globais dos 50 maiores bancos multinacionais do mundo, aumentou de 9,5% para 15%. Michalet (1979), p. 48.

Das participações totais de 39,2 bilhões de DM, 33,5 bilhões de DM, isto é, 56% da soma global de todos os investimentos directos alemães no estrangeiro, imediatos e mediatos, são realizados em empresas na posse *completa* dos investidores alemães, 84% em empresas na posse maioritária alemã (50 a 100%), e somente 14% em empresas na posse minoritária alemã (menos de 50%)<sup>(40)</sup>.

Frobel/Heinrichs/Kreye demonstraram, através de uma outra relação, o grau elevado de controle das filiais do *sector produtivo* pelas participações alemãs no capital nominal.

No período em que se baseia o inquérito, 1961-1976, os investidores alemães detinham 100% do capital nominal de 45,9% das filiais, no estrangeiro, 50 a 100% de 82,5% das filiais, e menos de 50% só em 17,5%<sup>(41)</sup>.

Apesar destes valores, no entanto, o controle exercido pelos investidores alemães parece pequeno, se o compararmos com o que é exercido pelos capitais americanos e britânicos, pois «...a proporção das filiais americanas e britânicas controladas a 100% mantém-se superior a 60% no mundo inteiro...»<sup>(42)</sup>

Isto torna-se ainda mais evidente, quando distinguimos as filiais nos P.D. das filiais nos P.I.

Segundo Frobel/Heinrichs/Kreye, os investidores alemães detêm 100% do capital nominal em 61,7% das filiais nos P.I. (sem incluir a CEE), mas «somente» em 34,6% das filiais nos P.D. Detêm 50 a 100% do capital nominal em 91,1% das filiais nos P.I. (sem incluir a CEE), mas «somente» 76,4% das filiais nos P.D. Participam com menos de 50% no capital nominal em 8,9% das filiais nos P.I. (sem incluir a CEE), mas em 23,6% das filiais nos P.D.

A parte das filiais britânicas e americanas nos P.D., controladas a 100% pelos detentores do capital nominal «está muito acima de 50%...»<sup>(43)</sup>

Esta situação confirma, quanto aos capitais alemães, um dos resultados do 'Harvard Multinational Enterprise Project' resumido por Franko da seguinte maneira:

«As empresas da Europa continental e do Japão aceitam mais facilmente o princípio de filiais comuns»<sup>(44)</sup>.

---

<sup>(40)</sup> Monatsberichte (1981), p. 32.

<sup>(41)</sup> Frobel, Heinrichs, Kreye (1977), p. 274, Quadro II-5. Os autores referem-se só às filiais *produtivas*, isto é, às dos sectores «Minas» e «Transformação» da estatística do Bundesbank.

<sup>(42)</sup> Franko (1979), p. 21.

<sup>(43)</sup> Franko (1979), p. 21.

<sup>(44)</sup> Franko (1979), p. 21.

## 7 — Algumas conclusões e uma primeira interpretação<sup>(45)</sup>

1 — A RFA é (como o Japão) um «late-comer» imperialista. Tal desfaseamento em relação aos 'centros' imperialistas (EUA, Grã-Bretanha, França), manifesta-se ao nível do investimento de capital no estrangeiro, de maneira quantitativa e qualitativa.

O capital da RFA reforça, a partir de excedentes comerciais elevados, desde há dez a quinze anos o seu lugar no grupo internacional dos investidores privados de capital no estrangeiro, através de taxas de crescimento do investimento no estrangeiro, acima da média internacional.

Em relação aos índices nacionais (PNB, exportação, investimento global, etc.), os investimentos privados de capital no estrangeiro, mostram ratios fortemente crescentes. Em relação ao investimento privado estrangeiro na RFA, muito mais antigo, o investimento alemão no estrangeiro recupera fortemente desde 1974/75 e, neste momento, já o alcançou certamente. Assim, a Balança de Rendimentos de Investimentos no/do estrangeiro tenderá a longo prazo, a uma redução do défice em desfavor da RFA, tanto mais quanto os investimentos alemães no estrangeiro amadurecem, por seu turno, progressivamente, sendo cada vez maior o número de filiais, que passam da fase de arranque para a fase rentável.

Por outro lado, embora uma parte importante das filiais alemãs no estrangeiro seja no sector comercial — filiais «relais» para a comercialização de produtos exportados a partir da RFA (participação no investimento em 1978: 17, 2%, nas vendas: 32,2%) —, o reforço da *produção* no estrangeiro (participação no investimento em 1978: 54%, nas vendas: 60%), tende a exercer uma pressão sobre as exportações:

«O resultado global (dos investimentos na transformação industrial no estrangeiro, J.O.) pode, no entanto, levar a uma descida do volume global das exportações, na medida em que uma parte dos bens são produzidos perto dos mercados anteriormente alimentados por exportações»<sup>(46)</sup>.

Contrariamente, por exemplo, aos EUA, que já em 1966-72 financiavam 50% dos seus investimentos estrangeiros, através de lucros reinvestidos, sendo «os rendimentos do investimento americano... cada vez mais elevados que o *crescimento anual* do investimento americano»<sup>(47)</sup>, os investidores alemães, financiavam ainda largamente os seus investimentos no estrangeiro, através de *exportações de capital* (embora tenham reinvestido intensamente os lucros e se tenham servido, como por exemplo nos EUA, do mercado financeiro internacional). Isto porque

a) o stock do investimento privado alemão no estrangeiro é, ainda, relativamente diminuído e em rápida expansão, e

b) o stock é, ainda, relativamente pouco 'maduro', isto é, ainda traz, em parte, prejuízos iniciais.

(45) Uma abordagem *teórica* da internacionalização do capital, é por exemplo, exposta em Palloix (1975), pp. 153.

(46) Michalet (1976), p. 132.

(47) Palloix (1975), p. 72.

O momento tardio do seu reaparecimento no grupo dos investidores de capitais no estrangeiro, e a capacidade do seu aparelho produtivo, situam, desde o início, o capital alemão numa posição favorável na *internacionalização do capital em curso*.

«... o movimento de multinacionalização das empresas alemãs é relativamente recente. Manifesta mais o efeito das tendências novas — reforço dos investimentos no sector manufactureiro — do que o peso das tradições passadas — controle dos aprovisionamentos em matérias primas provenientes dos países não-industrializados.»<sup>(48)</sup>

O capital alemão federal realiza, no seu avanço no estrangeiro, relativamente mais investimento nos P.D., que a maioria dos seus concorrentes imperialistas, embora o stock de investimentos alemães nos P.D. seja distribuído de forma muito desigual.

Segundo uma estatística das Nações Unidas, citada por Andreff<sup>(49)</sup>, a parte dos P.D. no stock global dos investimentos estrangeiros dos EUA diminui de 1971 a 1974 de 22,6% para 21,2%, a parte respectiva nos investimentos estrangeiros globais britânicos diminui de 19% para 16,2%, enquanto que no caso da RFA esta parte aumentou de 28,1% para 30,2%, no caso do Japão para 53,5% e, no da Itália de 36,1% para 37,6%.<sup>(50)</sup>

As empresas do capital alemão fazem parte das que no estrangeiro, «aceitam mais facilmente o princípio das filiais comuns». Os 'late-comers' imperialistas servem-se dos 'joint-ventures' com as burguesias locais, em especial as dos P.D. (com sócios particulares ou públicos) para,

- a) melhorar a sua posição na competição com os capitais das potências imperialistas estabelecidas desde há muito,
- b) limitar os riscos políticos e sociais (nacionalizações, actividade sindical, etc),
- c) alargar a sua base financeira.

Há razão para duvidar que esta manifestação da concorrência inter-imperialista aumente o espaço de manobra das burguesias locais dos P.D., visto que a «dissociação do conjunto tecnologia, gestão, capital e know-how»<sup>(51)</sup> continua a fornecer aos 'late-comers' imperialistas, instrumentos de controle suficientes. É neste contexto que pode ser interpretada a insistente exigência duma NOEI, pelas burguesias dos P.D., como manifestação duma vontade de maior autonomia no processo da crescente internacionalização e hierarquização da valorização/acumulação do capital.

---

<sup>(48)</sup> Delapierre (1979), p. 14.

<sup>(49)</sup> Andreff (1979), Nota 1.

<sup>(50)</sup> A percentagem aqui indicada dos investimentos alemães nos P.D. ultrapassa a da estatística do Bundesbank. Assim, se confirma, uma vez mais, a confusão existente na recolha estatística de investimentos estrangeiros. A delimitação dos P.D., por exemplo, poderia diferenciar as duas estatísticas; a estatística do Bundesbank, seguindo a classificação do Development Assistance Committee (DAC) da O.C.D.E., tem uma rubrica especial para os países da OPEP... Apesar disso, a utilidade da estatística das N.U. é que ela nos fornece uma comparação internacional, baseada num critério uniforme.

<sup>(51)</sup> Franko (1979), p.21.

Segundo Michalet (1976), as firmas multinacionais servem-se na sua estruturação e expansão actuais, à escala mundial, de duas estratégias fundamentais: a da defesa de mercados e conquista de novos (estratégia comercial=realização da mais-valia), e a da deslocação da transformação industrial para países com condições de produção vantajosas, em particular com uma mão-de-obra barata e dócil (estratégia produtiva=aumento da taxa de mais-valia).

Além disso, se pensarmos no imperativo tradicional do imperialismo — controle do fornecimento de matérias primas —, resulta um quadro geral para a caracterização do investimento alemão no estrangeiro.

2) O desenvolvimento desigual das formações sociais (já por si resultado histórico da *formação* do sistema mundial capitalista) e, consequentemente, a desigualdade das condições de valorização do capital à escala mundial, refletem-se, entre outros, nas diferenças entre os níveis salariais nacionais.

**Custo horário total da mão-de-obra operária na indústria transformadora  
(Salários + encargos sociais em dólares correntes)**

	1960	1970	1978
Bélgica	0.8	2.0	10.2
Suécia	1.2	2.9	9.9
Países-Baixos	0.7	2.1	9.9
RFA	0.8	2.3	9.4
EUA	2.7	4.2	8.3
França	0.9	1.7	6.8
Itália	0.6	1.7	6.2
Japão	0.3	1.0	5.4
Reino-Unido	0.8	1.5	4.3
Espanha	—	—	2.6(1977)
México	—	—	1.8(1977)
Brasil	—	—	1.4(1977)
Coreia	—	—	0.6

Fonte: US Department of Labor.  
Extraído de: Le Matin (1980), p. 19.

O salário horário, para trabalho qualificado e não-qualificado, na indústria transformadora nos P.D. da Ásia e América Latina, situa-se, em 1974/75, entre um mínimo de 0,21 dollars (para mão-de-obra feminina) na Coreia do Sul, e um máximo de 2,24 dollars no Puerto Rico.<sup>(52)</sup>

Considerando as produtividades de trabalho e as taxas de câmbio, apresenta-se o quadro seguinte, na primavera de 1980, para o capital alemão, das condições de produção em relação aos salários nos P.I.

<sup>(52)</sup> Frobél/Heinrich/Kreye (1977), p. 633/634 (Quadro III-17).

**Custos da mão-de-obra e produtividade nas grandes nações industrializadas  
(Primavera 1980) RFA = 100**

	Salários honorários em DM (inclui encargos sociais)	Índice	Valor da produção por hora de trabalho	Valor da produção/ custos salariais unitários	Custos salariais por unidade produzida
Bélgica	22,80	103	93	90	111
Suécia	22,40	101	90	89	112
RFA	22,80	100	100	100	100
Países-Baixos	22,20	100	103	103	97
Estados-Unidos	17,25	78	95	122	82
Itália	17,25	78	56	72	139
França	16,70	75	80	107	93
Grã-Bretanha	12,45	56	56	100	100
Japão	12,10	55	74	135	74
Espanha	10,75	48	49	102	98

Fonte: Dresdner Bank.

Extraído de: Carr (1981), p. 31.

Não dispomos de informações de valor igual para os salários, produtividades de trabalho e taxas de câmbio, nos P.D., mas é evidente, que os 'custos salariais por unidade produzida', em DM, se situam abaixo dos relativos aos P.I., tanto mais que podemos presumir que, pelo menos, nos sectores de produção «internacionalizados» nos P.D., a discrepância das produtividades de trabalho em relação à RFA, por exemplo, é menos elevada do que a dos salários.

A observação promenorizada do desenvolvimento do stock dos investimentos alemães no estrangeiro, da sua estrutura regional e sectorial nos P.I. e P.D., no contexto das informações acima apontadas sobre as produtividades de trabalho e salários, permitem-nos afirmar o seguinte:

a) desde meados dos anos 70, a RFA tornou-se um dos países com os salários mais elevados, ultrapassando mesmo os dos EUA.

«...a competitividade da RFA em termos de custos salariais degradou-se desde 1970 em relação aos Estados-Unidos e à Grã-Bretanha...»<sup>(53)</sup>

b) Considerando, além disso, o desenvolvimento das produtividades do trabalho<sup>(54)</sup> e das taxas de câmbio, observa-se que, 'os custos salariais por unidade produzida' na RFA, em DM, (princípios de 1980) se situam acima dos da Holanda, EUA, França, Japão e Espanha, e só são ultrapassados pelos da Bélgica, Suécia e Itália.

«A forte taxa de produtividade da indústria alemã não chega para compensar completamente o elevado nível dos custos salariais na RFA.»<sup>(55)</sup>

<sup>(53)</sup> Carr (1981), p. 32.

<sup>(54)</sup> «Entre 1973 e 1978 a produtividade horária do trabalho na indústria aumentou só 5% no Reino-Unido, mas aumentou 15% nos Estados-Unidos, 17% na Itália, 20% na Alemanha Federal, 21% na França e 22% no Japão.» Baer (1981), p. 4.

<sup>(55)</sup> Intersocial (1980), p. 24.

c) Considerando, ainda, que a revalorização do DM embarateceu, pelo menos até fins de 1979/princípios de 1980, os valores materiais estrangeiros, é fácil explicar porque razão, desde meados dos anos 70, os investimentos directos da RFA no estrangeiro (em particular nos EUA) aumentaram mais rapidamente, do que os do estrangeiro (em particular os dos EUA) na RFA.

Duma maneira geral, podemos adiantar que, devido à 'mobilização de capital por posto de trabalho' relativamente mais elevada nos investimentos directos nos P.I.<sup>(56)</sup>, e à participação muito elevada dos investimentos no sector comercial, comparativamente aos P.D., os investimentos directos da RFA nos P.I. são, por um lado, predominantemente expressão da 'racionalização' da produção (mecanização, automatização, robotização), e por outro lado, expressão duma estratégia comercial internacional.

Pelo contrário, os P.D. servem a valorização do capital alemão, predominantemente, através da exploração duma mão-de-obra numerosa, barata e menos qualificada, limitando, contudo, o campo duma estratégia comercial expansiva.<sup>(57)</sup>

Os P.D. continuam a servir como reserva de matérias primas, se bem que a participação relativa dos investimentos alemães neste sector seja reduzida, uma vez que este campo é, ainda essencialmente dominado, pelas potências imperialistas 'clássicas'.<sup>(58)</sup> Ao mesmo tempo, este campo tem estado particularmente exposto, nos últimos anos, às aspirações de autonomia relativa das burguesias dos P.D. — palavra de ordem da NOEI: controle nacional das fontes de matérias primas —, deixando os 'late-comers' imperialistas, e entre eles o capital da RFA, relativamente ao abrigo das exigências imediatas das burguesias dos P.D., o que lhes permite avançar noutros sectores, sobretudo no sector transformador e sob forma de 'joint ventures'.

3) Segundo a estimativa das N.U. acima citada, os investimentos alemães no estrangeiro representavam cerca de 7% dos investimentos estrangeiros globais dos 'centros' imperialistas, em 1976. Estes 7% dos investimentos estrangeiros globais criaram cerca de 500.000 postos de trabalho nos P.D.

---

<sup>(56)</sup> O Bundesbank refere-se à composição orgânica menos elevada do capital investido nos P.D., nos termos seguintes:

«Quando 40% de todos os empregados das empresas no estrangeiro com participação alemã imediata e mediata recaíram nos países em desenvolvimento, apesar de estes só terem recebido um pouco mais de 20% da globalidade dos investimentos directos alemães, isto significa que elevado número de postos de trabalho pôde ser criado nestes países, com uma mobilização de capital relativamente baixa, o que não teria sido possível na República Federal com os seus elevados custos salariais.» Monatsberichte (1979), p. 34.

<sup>(57)</sup> «... a taxa de lucro é tanto mais elevada quanto a taxa de salário é baixa, estando esta última ligada aos preços dos bens de subsistência. Os camponeses pobres têm que continuar pobres para que os salários da mão-de-obra continuem a ser o que são. O excedente dos camponeses pobres é um elemento constitutivo do lucro no centro através do baixo nível de salário da mão-de-obra urbana na periferia.» Bye/de Bernis, (1977), p. 447.

<sup>(58)</sup> Ver Durand (1981), p. 12.



Partindo da hipótese 'favorável' para os P.D. como vimos, de que os investimentos estrangeiros dos restantes 'centros' imperialistas apresentaram uma relação de emprego semelhante à da RFA (40% P.D./60% P.I.), é possível calcular que, em 1976,  $\frac{500.000 \times 100}{7} = 7.8$  milhões de postos de trabalho nos P.D. foram *directamente* originados por investimentos directos.

Não falando já da desigualdade da sua distribuição, este número é relativamente insignificante comparado com o número crescente de desempregados e sub-empregados nos P.D. (1976: 283 milhões)<sup>(59)</sup>. Isto deveria fazer reflectir os defensores de estratégias de desenvolvimento para os P.D., na base da valorização do capital imperialista. Por outro lado, aquele número representa dimensões comparáveis às do número de desempregados nos P.I. (por exemplo, O.C.D.E., Setembro de 1977: 7 milhões de desempregados).<sup>(60)</sup>

O efeito conjunto da dinâmica do capital alemão a nível internacional contribuiu para a transformação da DIT, cujas tendências quantitativas globais para a RFA se podem deduzir do seguinte quadro:

**Efectivo das empresas da indústria transformadora alemã-federal na RFA e no estrangeiro (em milhares)**

	1961	1966	1971	1975
Número de trabalhadores nas fábricas alemãs	7.935	8.032	8.407	7.464
Número de trabalhadores no estrangeiro (números aproximados) <sup>(61)</sup>	350	455	905	1.480

Segundo: Frobel/Heinrichs/Kreye (1978), p. 22.

As consequências sociais e políticas na RFA — país do tradicional consenso social —, decorrentes da internacionalização crescente do processo de valorização e acumulação do capital alemão são, ainda, imprevisíveis. Pensamos, portanto, que a sua análise abre uma interessante campo de investigação para o futuro.

**Março 1981.**

<sup>(59)</sup> Frobel/Heinrichs/Kreye (1977), p. 632, segundo um relatório da OIT.

<sup>(60)</sup> Não pretendemos estabelecer, aqui, uma causalidade linear entre a criação de empregos através de investimentos no estrangeiro e o desemprego nos 'países exportadores de capital', e muito menos quanto ao *volume* das duas grandezas. Os investimentos de capital no estrangeiro arrastam, por exemplo, exportações de bens de investimento a partir dos 'países exportadores de capital'... No entanto, à internacionalização da valorização e acumulação do capital corresponde a formação do mercado mundial de trabalho, com todas as consequências daí decorrentes. Frobel/Heinrichs/Kreye argumentam, por exemplo, que uma parte importante do desemprego *friccional e estrutural* na RFA é originado pela deslocação internacional da produção. Ver também Byé/de Bernis (1977), p. 940: «Esta nova saída para as contradições do capitalismo é imediatamente utilizada contra os trabalhadores dos países desenvolvidos onde provoca desemprego...».

<sup>(61)</sup> Estes números do emprego no *sector produtivo* no estrangeiro, baseiam-se no inquérito de Frobel/Heinrichs/Kreye (1977) e apresentam uma diferença irrelevante, para cima, em relação aos fornecidos pelo Bundesbank.

## REFERÊNCIAS

- ANDREFF, W. — *Les capitaux étranger dans les P.D.E.M. et dans les P.V.D., supplément aux Cahiers Français*, N.° 190, 1979.
- BAER, J.-M., — *Grande-Bretagne: une économie à la dérive*, Le Monde Diplomatique, Fev. 1981.
- BUNDESGESETZBLATT; — Jg. 1979, Teil I, Bonn, 23.5.1979.
- BYE, M., DE BERNIS, G.D., — *Relations Économiques Internationales*, Paris, 1977.
- CARR, J., — *La productivité allemande face à la concurrence internationale*, Problèmes Économiques, n.° 1709, 1981.
- CONSEILLER COMMERCIAL DE LA FRANCE À LONDRES, — *Les investissements britanniques directs à l'étranger*, Problèmes Économiques, n.° 1604, 1979.
- DELAPIERRE, M., — *Les multinationales. Approche du phénomène*, Les Cahiers Français, n.° 190, 1979.
- DEUTSCHE BUNDESBANK, — *Auszüge aus Presseartikeln*, Nr. 15, 1981.
- DOCUMENTATION FRANÇAISE, — *La Division Internationale du Travail*, Vol. II, Paris, 1976.
- DURAND, M., — *La puissance minière de la Grande-Bretagne*, Le Monde Diplomatique, Mars 1981.
- FRANKFURTER RUNDSCHAU, — 31/7/1980.
- FRANKO, L.G., — *Le défi mort-né des multinationales américaines*, Problèmes Économiques, n.° 1623, 1979.
- FROBEL, F., HEINRICHS, J., KREYE, O., — *Die neue internationale Arbeitsteilung*, Reinbek, 1977.
- FROBEL, F., HEINRICHS, J., KREYE, O., — *La nouvelle division internationale du travail et ses repercussions sur l'emploi*, Problèmes Économiques, n.° 1623, 1979.
- GESCHÄFTSBERICHT DER DEUTSCHEN BUNDESBANK FÜR DAS JAHR 1980, — Frankfurt, 1981.
- INTERSOCIAL, — *Une comparaison internationale des coûts salariaux dans l'industrie*, Problèmes Économiques, n.° 1697, 1980.
- LINDEN, M., — *Les mutations de l'industrie automobile allemande et le défi japonais*, Problèmes Économiques, n.° 1715, 1981.
- MATIN (LE), — 11/2/1980.
- MICHALET, CH.-A., — *Le capitalisme mondiale*, Paris, 1976.
- MICHALET, CH. A., — *Les BMN: nouvelle vague des multinationales*, Les Cahiers Français, n.° 190, 1979.
- MONATSBERICHTE DER DEUTSCHEN BUNDESBANK, — 30. Jg., Nr. 10, Oktober 1978
- » » » » — 31. Jg., Nr. 4, April 1979
- » » » » — 32. Jg., Nr. 4, April 1980
- » » » » — 32. Jg., Nr. 7, Juli 1980 — a
- » » » » — 33. Jg., Nr. 1, Januar 1981
- MONDE, (LE), — *Un rapport du Conseil Économique souligne l'importance de la pénétration étrangère en France*, 19/1/1981.
- PALLOIX, CH., — *L'Internationalisation du capital*, Paris, 1975.
- ROUSSEL, J., — *Le redéploiement de l'économie ouest-allemande à l'étranger*, le Monde Diplomatique, Décembre 1979.